

A C R I S E

1—Esquisso de uma teoria

II

Os biotipos na mecânica social

(Continuação)

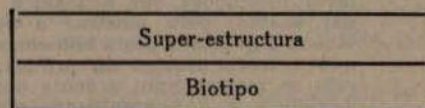
Vemos desta forma a possibilidade de reduzir a história, de um lado a condicionalismos biológicos, do outro a influências exteriores. O elemento biológico actua pela sua própria potencialidade, mas condicionado. Contém, «a-priori», como condição biológica, todas as possibilidades de realização. Mas a actualização destas não é viável sem a incidência dos factores ambientais.

Por outro lado, os biotipos, condicionados e condicionantes, pelo seu agregado, e pela razão mesma da sua diferença, do seu conflito, constituem um sistema em que o indivíduo e a Colectividade formam um complexo por seu turno condicionado. Os seus movimentos, acções e reacções, desenvolvimento, equilíbrio e oscilações realizam-se dentro dessas condições. Assim, por exemplo, uma evolução desse complexo é impossível sem diferenciação; ora a diferenciação ou continua sempre, o que é impossível, ou se suspende:—e, uma vez suspensa, o complexo entra em crise ou decadência.

Este condicionalismo não é já biológico, mas arquitectónico e mecanoide, e estas três condições: biológica, arquitectónica e mecanoide dão-nos a chave, a meu ver, da evolução da História.

O biotipo não é toda a condição biológica, mas uma parte importante do condicionalismo biológico que rege a história e a vida social. Estabelece, no agregado humano, uma primeira diferenciação que antecede a diferenciação histórica, social e económica; contém potencialmente estas, que são devidas à acção conjugada dos biotipos e dos factores económicos.

Uma teoria positiva da história, seja ela qual for, que não considere o condicionalismo dos biotipos e as suas reacções e que os não integre no seu sistema, dar-nos-á do problema, forçosamente um aspecto incompleto. A razão é evidente; mas lembremo-nos sempre de que uma coisa são as super-estruturas mentais adquiridas, outra as potencialidades próprias e a actuação condicionada do biotipo:—este, como temos dito já, está sempre por sob a super-estrutura em possibilidade de auto-realização, mesmo em tensão, neste sentido. Na harmonia ou conflito do biotipo com uma super-estrutura, na hegemonia deste, ou sua desagregação, reside em grande parte o essencial da mecânica social. Cada indivíduo considerado como um sistema assim constituído:



é ao mesmo tempo indivíduo e colectividade, quer dizer, é a um tempo indivíduo e exponencial histórico e social. E' por esta super-estrutura que se estabelece em parte a correlação, que unifica, entre o indivíduo e a Colectividade, e entre o indivíduo e a História: é por ela que a consciência individual se ergue a uma mais alta consciência do Homem.

A complexidade de movimentação possível entre o biotipo e a sua super-estrutura; a complicação e nebulosidade dessas relações, são factos que não necessitam de que sobre eles se insista, por tal forma são evidentes:—mas, em bloco, esta esquematização resume a realidade, e dá-nos dela, a parte, a explicação, no que diz respeito à mecânica social.

Neste lugar não posso entrar em detalhes e discussões psicológicas; o meu fim é exclusivamente acentuar em seus múltiplos aspectos a importância capital do biotipo.

Poderemos fazer destes factos uma ideia concreta, supondo, em experiências imaginárias, ora que a super-estrutura se desagrega como o fizemos acima, ora que, pelo contrário, essa super-estrutura aumenta de influência a ponto de inibir por completo o biotipo. Neste último

(RESUMO)

caso dar-nos-la uma verdadeira standardização mental do complexo social que ficaria, por assim dizer, anquilozado nas suas super-estruturas. E' o limite para que tendem fortemente os sistemas fascistas e análogos, quando ultrapassam o limite de flexibilidade do complexo nas suas relações com a unidade e as condições de vida.

//

Mas temos ainda de considerar a super-estrutura sob um outro ponto de vista igualmente importante.

A' super-estrutura de tipo social e histórico, que representa, em suma, o esquema resumido das aquisições históricas formadas pela elaboração do próprio complexo e de outros ainda que o tenham influenciado, temos de acrescentar a super-estrutura que resulta da auto-consciencialização do biotipo.

Esta progressão na consciencialização, individual ou colectivamente considerada, é um fenómeno capital, a síntese de todo o progresso intelectual, individual ou histórico. Mas entre as super-estruturas de consciencialização e o biotipo podem estabelecer-se harmonias ou desharmonias, como igualmente entre a mesma e a super-estrutura histórico-social. Não podemos desenvolver aqui esta questão que sai fora do nosso assunto, no que diz respeito aos conflitos possíveis das duas super-estruturas. As relações possíveis entre a super-estrutura de consciencialização e o biotipo constituem um sistema em que de novo intervem o biotipo, podendo conduzir o homem a um grande número de posições variáveis que resumiremos no nosso trabalho.

III

Elementos e movimentos mecanoïdes

Nos sistemas assim definidos—sistemas históricos a que chamam «civilizações»—entram vários elementos mecanoïdes e bio-mecanoïdes. Elementos geográficos, étnicos, económicos, técnicos, demográficos, etc., etc., acionam e reacionam, conjugam-se, interferem, num sistema de forças e movimentos extremamente complexos. O sistema evolui como um todo, a que a interdependência dos elementos dá a coesão. Este todo tem de ser pois decomposto nos seus elementos, o que nos conduz a dificuldades análogas às que se encontram em fisiologia e biologia, quando aí se separam pela análise elementos e movimentos que actuam conjugados, em síntese, como sucede com as acções hormonais.

Assim os elementos materiais actuam sobre os psíquicos, e estes, sobre os materiais; a mão dirige o cérebro, e o cérebro dirige a mão; a experiência dirige a razão, e a razão dirige a experiência. A divisão analítica dos fenómenos em seus elementos não nos deve fazer esquecer a sua síntese, o que impedirá de nos fazer cair numa teoria uni-lateral da História.

Neste sentido uma primeira divisão geral de elementos se impõe, que nos conduz a classificá-los em mecanoïdes e bio-mecanoïdes.

Os elementos bio-mecanoïdes são todos aqueles que, como o nome diz, constituem forças biológicas actuantes, desde os psico-mecanoïdes até aos sexuais, que geram o aumento populacional, e assim constituem o agregado histórico.

Mas as forças biológicas, produzem elementos que a seguir actuam nos interstícios sociais do agregado por uma forma importante. Assim a ideia e a Emoção geram Símbolos—Religiões, Místicas, Ideologias, Tradições, convenções, etc., etc.—que uma vez elaborados e evoluídos historicamente, passam a actuar como elementos simplesmente mecanoïdes. Exercem pressões, estímulos, depressões, convulsões, no agregado de que fazem parte, e as reacções por elas provocadas são factores capitais em história.

Artes, Religiões, Poesia, ideias políticas e sociais, sistemas filosóficos, são produções psíquicas colectivas; mas, elaboradas historicamente, objectivam-se e actuam no sistema histórico como forças mecanoïdes. Podemos cha-

EUROPEIA

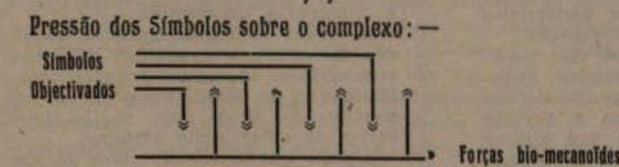
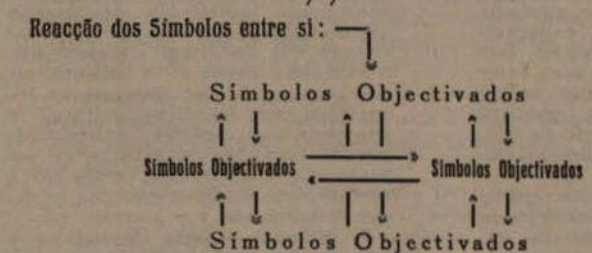
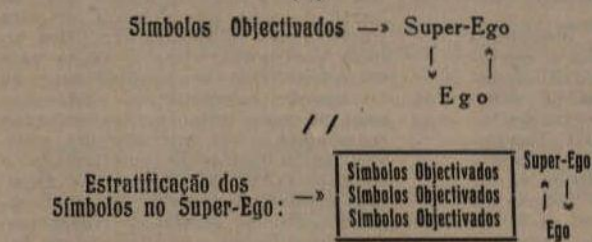
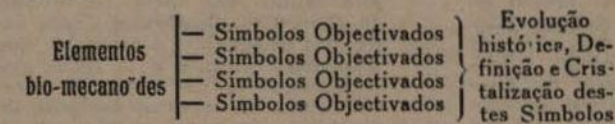
bio-mecânica da história

por ABEL SALAZAR

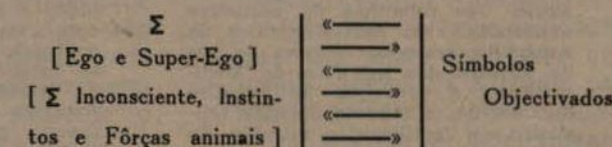
mar-lhes os Símbolos Objectivados. Tais Símbolos Objectivados actuam por seu turno sobre os elementos biológicos e psíquicos de forma variada, mas sempre capital. Eles formam, por exemplo, as super-estruturas mentais sistematizadas no chamado Super-Ego; a educação, os hábitos, a tradição e a moral sistemática, tudo o que forma a consciência colectiva e inter-subjectiva, aquilo que se poderia chamar a Consciência Objectivada de um agregado social, ocupa o Super-Ego colectivo, e exerce uma função e recalcanento freudiano. Esta acção-reacção entre o Ego e o Super-Ego é um caso típico de acções bio-mecanoïdes. Como os Símbolos objectivados, são tanto mais definidos e exteriores, tanto mais objectivos quanto mais historicamente evoluídos, e como as forças biológicas construtivas, o fluxo profundo da vida continua sempre em gestação, um conflito tende a estabelecer-se entre os Símbolos e as forças biológicas, a par e passo que o complexo histórico se diferencia e evolui. Além disso novos Símbolos são produzidos, nesta evolução, que igualmente evoluem, se definem, se objectivam, actuando como os primeiros, e com estas entrando em oposição. Assim se vai estabelecendo um sistema complexo de acções e reacções entre os Símbolos Objectivados, e entre estes e as forças construtivas da vida.

Da mesma forma o potencial de gestação do agregado forma e aumenta numérico deste agregado, o qual mesmo, por si só, passa a valer como elemento objectivo, actuando mecanicamente. O elemento bio-mecanoïde passa assim a mecanoïde, e actua igualmente por seu turno, sobre as forças profundas da vida.

Para esquematizarmos esta movimentação numa complexidade extrema, tentemos resumir-la nos quadros seguintes:



O [Σ Ego e o Σ Super-Ego] conjuntamente com as forças do «Inconsciente» e as forças biológicas puramente animais, formam assim um sistema complexo que entra em conflito com o sistema dos Símbolos Objectivados:



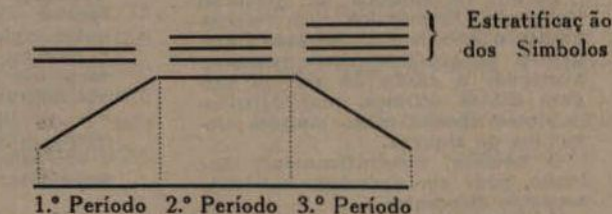
que é um dos sistemas bio-mecanoïdes mais importantes da História.

Dos equilíbrios e desequilíbrios deste sistema depende em grande parte a movimentação do complexo histórico e seus fenómenos.

Este sistema, por outro lado, varia em composição com o ponto da curva atingido pelo complexo: é a função desta curva.

Assim os períodos que já conhecemos, Idade Média, Período A'ureo e Decadência, são caracterizados por formas específicas deste sistema, e por suas movimentações particulares.

Entre estes movimentos notemos a estratificação de símbolos, feita a par e passo que a curva do complexo se desenvolve, a qual estratificação faz com que tais Símbolos sejam tanto mais numerosos quanto mais avançado é o ponto da curva:



Além disso, quanto mais avançado é o período, mais evoluído estão os Símbolos, os quais a partir de um certo ponto, cristalizam definitivamente, e mesmo se corrompem, degeneram, ou deturpam por completo.

Eles afastam-se gradualmente nesta evolução, dos pontos originais, criadores da vida; formalizam-se, artificializam-se a par e passo que se definem, objectivam e cristalizam, acabando por se reduzir a formas simbólicas vazias de sentido, ou de sentido alterado.

A sua acção mecanoïde sobre o complexo é, pois, muito variada conforme o seu grau de evolução e, conforme o período da curva do complexo, assim produzem diferentes acções e reacções.

Não podemos dar aqui senão um exemplo em muito rápido esboço. A Arte é um destes Símbolos objectivados. Nasce da Emoção indefinida; pouco a pouco define-se, depois objectiva-se gradualmente no exterior. Evolui depois, nesse exterior, a par e passo que o complexo histórico a que pertence flui no tempo. Depois cristaliza e não evolui mais. Petrifica numa fórmula; academiza-se, transforma-se num cânon.

Em seguida esvazia-se de Vida, e fica reduzida a um simples Símbolo formal ou ritual. Por fim ou se mumifica nesta fórmula, ou degenera, corrompe-se, decai e morre. Esta evolução parte da Emoção indefinida e finda no Símbolo definido objectivo; rica de vida emotiva no princípio, finda numa fórmula vazia de vida, puramente académica.

Nesta evolução ela é a princípio tónica, estimulante, depois opressora; contra ela se erguem novas fórmulas de emoção indefinida, e com a primeira entram em conflito. Nada mais fácil do que seguir esta movimentação, conflitos e reacções na história da Renascença Italiana. A fórmula de Rafael academiza-se rapidamente e petrifica; a fórmula de Miguel Angelo oprime o desenvolvimento posterior da pintura, e lança-o no enfático, como Rafael a lança no amanetado. Fluxos e refluxos se formam, entre o Símbolo definido e a vida que tende a renová-lo! Caravaggio cria o realismo, enquanto os Carrache tentam um ecletismo académico:—mas tudo decai sob a pressão do Símbolo cristalizado no período áureo. E' que, a partir desse período, a arte encontra-se no seguinte dilema:—ou repetir o Símbolo, e não mais criar, ou substituí-lo, o que é criar